

UM ESTUDO SOBRE O ESTATUTO DO SUPEREU NA PSICOSE

Claudete Justino Correa¹ e Magali Milene Silva²

RESUMO

O trabalho buscou identificar como opera o Supereu na psicose. Mesmo que Freud tenha abandonado a aposta na clínica da psicose, formulou as bases para pensar o sujeito na psicose. Freud apresenta o Supereu como herdeiro do complexo de Édipo, complexo estruturante para o sujeito na neurose, mas de que o sujeito não lançaria mão na psicose, tornando - se assim problemático a construção do Supereu nesta estrutura. Lacan atribui a forclusão como fator essencial da operação da psicose na castração, forcluindo o significante primordial, o Nome-do-Pai, que permite ao sujeito ancoragem simbólica e produção de significações. O que foi forcluído ressurgiu no real, alucinatoriamente. O que não foi internalizado reaparece no real como a voz do Outro, o sujeito, tendo certeza da voz que o comanda, experimenta o Supereu no real.

PALAVRAS-CHAVE: Supereu. Psicose. Psicanálise.

1

2

INTRODUÇÃO

Ao situar o Supereu como se constituindo para o sujeito após a elaboração do complexo de Édipo, Freud nos deixa margens para a indagação sobre a constituição dessa instância para o sujeito na psicose. Freud (1925/2011, p. 290) afirma: “[...] o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o Supereu se tornou seu herdeiro”. Se é preciso haver a inscrição do Édipo, a castração, para instituir o Supereu, surgem impasses sobre essa instância na psicose, uma vez que o sujeito na psicose não elabora a castração.

Por esta pesquisa, buscamos investigar se o Supereu se constrói somente a partir de uma demanda constitutiva no enredo pós-Édipo, uma vez que o Supereu tem uma função importante na economia psíquica ao configurar direções para o Eu mesmo que ideais. Para discutir essa questão, primeiramente buscamos em Freud seus escritos sobre a tentativa de interpretação da clínica da histeria e as primeiras hipóteses para diferenciar neurose e psicose; logo, as incertezas freudianas sobre a clínica da psicose e seu afastamento dessa estrutura como passível de tratamento analítico, a partir da consideração do narcisismo. Depois percorremos as elaborações freudianas sobre neurose e psicose considerando a temática das instâncias psíquicas da segunda tópica. Seguimos o trabalho com a apresentação do conceito forclusão como operação principal da castração, e, por último, as vozes como um mecanismo de via para o Supereu na psicose.

AS TENTATIVAS FREUDIANAS NA CLÍNICA DIFERENCIAL NEUROSE-PSICOSE

A pesquisa freudiana sobre sua inquietação a respeito dos fenômenos histéricos teve início com estudos junto com Breuer. Foi em 1894 que Freud escreveu uma obra para tentar descrever como ocorreriam os fenômenos da histeria, com seus próprios preceitos e análise de sua clínica: “As Neuropsicoses de

defesa”(1894)³. Ele formulou nesse texto o conceito de “defesa” e também falou sobre suas oposições a estudiosos que tinha próximo, como Charcot.

No trabalho descrito em “As neuropsicoses de defesa” (1894), Freud procurou formalizar teorias psicológicas da histeria de defesa, fobias, neuroses obsessivas e, também, algumas psicoses alucinatórias. O ponto de vista freudiano começou a ser adotado a partir da investigação de formas de uma doença mental, a teoria da defesa, o que permite uma “conexão inteligível” (Burgarelli, 2007).

Na terceira parte do texto, Freud (1894/1996) aborda a Psicose alucinatória e faz algumas distinções importantes entre a psicose alucinatória, a histeria, as obsessões e as fobias. Existe na psicose uma ação, uma defesa muito mais bem-sucedida, onde o Eu rejeita a ideia incompatível e o afeto correspondente de uma maneira que seria provável se comportar como se a ideia jamais lhe tivesse ocorrido, assim como o fragmento de realidade associado a essa ideia incompatível. Freud (1894/1996) considerou que se incluem como uma psicose de defesa, com um mecanismo especial de recalçamento, que posteriormente será diferenciado.

Ao discutir sobre um caso de paranoia, Freud articula que na neurose é possível ter pensamentos inconscientes e lembranças recalçadas, que retornavam de forma disfarçada na consciência, nos fenômenos que posteriormente ele listaria como manifestações do inconsciente: o sonho, o lapso, os esquecimentos, o chiste e o sintoma. Dessa maneira, esses conteúdos apareciam na psicose na forma de pensamentos que são percebidos como alucinados, ouvidos e vistos, sem que seu mecanismo de formação seja o deslocamento para o inconsciente e o disfarce (Freud, 1894/1996).

Apesar de afirmarmos se tratar do mesmo mecanismo, o recalque, podemos entender que Freud descobre uma especificidade ao mecanismo de defesa na psicose alucinatória, porém ele não ofereceu maiores esclarecimentos (Burgarelli,

³ As obras freudianas utilizadas no texto foram da tradução da Editora Companhia das Letras. Porém, essa coleção não publicou as obras pré-psicanalíticas. Assim, para os textos “As Neuropsicoses de defesa”(1894) e “Observações adicionais as neuropsicoses de defesa” (1896), foram utilizadas as versões da coleção Imago de 1996.

2007). Para Mezan (1991, p. 13), na psicose alucinatória, tanto o afeto quanto a ideia intolerável são recalcados, mas “a ideia está inextrincavelmente ligada a uma parte da realidade”. O Eu, por também conseguir realizar a defesa, também se desliga, total ou parcialmente, da realidade. O Eu consegue se livrar de uma ideia incompatível, mas fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade. Sendo assim, se a defesa é findada, o sujeito entra em um estado de total confusão alucinatória (Freud, 1894/1996).

Freud, em “Observações adicionais a neuropsicoses de defesa” (1896), retorna à diferenciação entre neurose e psicose e recorre a casos clínicos com o objetivo de confirmar a teoria apresentada no artigo anterior. Ele dedica a terceira parte do texto à psicose alucinatória, destacando que nela os pensamentos que surgiam no inconsciente eram ouvidos interiormente e alucinados; alucinações que provinham por parte de um conteúdo de experiências infantis recalcadas, sintomas do retorno do recalcado de um mecanismo equivalente (Burgarelli, 2007).

Freud comparou a paranoia e a neurose obsessiva. Em ambas, o núcleo do mecanismo psíquico é o recalçamento. O que já foi recalçado corresponde a uma experiência sexual da infância. Assim, na neurose obsessiva, a autoacusações é recalçada pela autodesconfiança, enquanto na paranoia é pelo processo de projeção, pois vem de um sintoma defensivo de confiar em outras pessoas. Desse modo, o sujeito deixa de reconhecer a autoacusações, mas fica incapaz de se proteger contra ela, que retorna nas ideias delirantes (Burgarelli, 2007).

Na paranoia, esse recalçamento é um processo que pode ser mostrado como uma projeção. O sujeito não reconhece a autoacusações, ficando privado de proteção contra elas, que retornam em suas representações delirantes, podendo ser também em forma de pensamentos ditos em voz alta (Freud, 1896/1996). Dessa maneira, podemos inferir que, na psicose, o conflito não é sentido como interno, mas projetado no exterior. Na verdade, parece que a diferenciação interno e externo se abala.

Freud ainda não fazia distinção entre as fantasias de seus pacientes sobre sua infância e suas recordações embora já se aproximasse dessa descoberta. Posteriormente, com a adoção da hipótese do inconsciente e construção dos pilares

da psicanálise, trata o discurso dos pacientes como revelador das fantasias inconscientes, e não dos fatos.

No artigo “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908/2010), Freud explica como é evidente a maneira como as fantasias inconscientes encontram-se ligadas à formação dos sintomas (Gallina, 2010). Nesse texto, Freud já inicia com um conteúdo de “caráter programático”, pois expressa um enunciado de ideias que futuramente, com Lacan, foi conceituado como as estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão (Jorge, 2002).

Na neurose, estaria presente a fantasia, que tem uma forte ligação com o efeito que causa os sintomas neuróticos; na perversão, teria uma satisfação sexual direta, podendo ser em ideia ou na realidade; e na paranoia, manifestar-se-ia o delírio (Jorge, 2002). Freud (1908/2010) chamou as elaborações inconscientes de fantasias históricas, ligando-as com a acusação dos sintomas históricos. A princípio, a criação dessas fantasias tem origem no que Freud chamou de “devaneios da juventude”. Essas fantasias podem ser descritas como as satisfações dos “desejos originários de privação”. O “devaneio” tem uma chamada para a compreensão dos sonhos noturnos, pois as fantasias diurnas são o núcleo da formação onírica de forma distorcida e, posteriormente, mal compreendidas pela instância psíquica. Na visão de Jorge (2002), o núcleo para os sonhos noturnos são as fantasias diurnas distorcidas pela censura. Ele continua dizendo:

Esses devaneios são acalentados carinhosamente pelo sujeito e ocultados como sendo seus bens mais íntimos; ele os guarda só para si, não os partilha com mais ninguém, vivencia-os como algo exclusivamente seu e cujo conteúdo, na maioria das vezes sexual, não pode ser revelado. Para ressaltar o paralelo que pode ser estabelecido entre a função da fantasia na neurose e a do delírio na psicose [...] (Jorge, 2002, p. 48).

Essa discussão revela o que instiga a pensarmos a comparação entre a função que exerce a fantasia na neurose e o delírio na psicose. Jorge (2002) aponta a fala de Freud a respeito do lugar que é ocupado pelo delírio na psicose quando nos traz que o psicótico ama seu delírio como ama a si mesmo. As fantasias podem ser tanto inconscientes como conscientes (Freud, 1908/2010). Quando ocorrer de as fantasias conscientes se tornarem inconscientes podem se tornar patogênicas e se manifestar como sintomas e ataques históricos (Jorge, 2002). As fantasias inconscientes podem ter origens sempre inconscientes e formadas no inconsciente, ou como são

mais frequentes, as fantasias podem ser criadas no consciente, “devaneios”; logo, são esquecidas, tornando-se inconscientes e recalçadas, e também podem ter origem no inconsciente e ali permanecer. Os conteúdos das fantasias podem permanecer os mesmos ou podem passar por algumas alterações (Freud, 1908/2010). Jorge (2002, p. 49) explica que:

[...] entre essas quatro possibilidades de gênese e evolução das fantasias, a que mais apresenta interesse clínico e aquela que, tendo sido recalçada para o inconsciente ou tendo ali nascido e permanecido, revela um acentuado poder patogênico e formador de sintomas.

As fantasias inconscientes têm uma carga importante com a vida sexual do sujeito, pois são parecidas com as fantasias que serviram para dar satisfação sexual durante a idade em que havia a masturbação. Nesse tempo, o ato masturbatório consistia em duas partes. “A primeira era a evocação de uma fantasia, a outra um comportamento ativo, no momento culminante da fantasia, para obter autogratificação” (Freud, 1908/2010, p.150). Primeiramente, um ato totalmente autoerótico visando a obter prazer de uma particular parte do corpo, denominada zona erógena. Mais adiante, funde-se a uma ideia com total parcela de desejo que pertence à esfera objetual, na qual culminou a fantasia devido à realização parcial da situação (Freud, 1908/2010). Se não há outras vias de satisfação, o sujeito fica abstinente e existem duas saídas: sublimar ou formar um sintoma (Jorge, 2002).

Posteriormente, quando o sujeito renuncia à satisfação, um conjunto de masturbação e fantasia, o ato é abandonado; daí a fantasia passa de consciente a inconsciente. Segundo Freud (1908/2010, p. 151): “Dessa forma as fantasias inconscientes são os precursores psíquicos imediatos de toda uma série de sintomas histéricos...”

Freud (1908/2010) considerou que o efeito inconsciente das fantasias exteriorizadas pela conversão representaria insistência ao buscar satisfação pulsional fornecida pela fantasia. Enquanto isso, Jorge (2002) argumenta que por trás do sintoma existe a fantasia. No entanto, por trás da fantasia, há a pulsão e sua busca pela forma mais exigente de satisfação.

Os delírios dos paranoicos seguem o mesmo processo de elaboração que as fantasias da histeria. A diferença é que eles se tornam diretamente conscientes.

Freud, nessas obras, estabeleceu alguns conceitos que foram essenciais para o momento que estava vivendo em sua clínica. Todavia, isso não foi suficiente para explanar os mecanismos de funcionamento da neurose e psicose, apesar de ter ido mais longe nas descobertas funcionais da neurose, principalmente quando conseguiu estabelecer um lugar para o recalque e para a fantasia, fatores que são cruciais na clínica. Entretanto, não conseguiu distinguir relações claras para a neurose e para psicose.

O RECUO FRENTE À CLÍNICA DA PSICOSE

A obra *“Introdução ao Narcisismo”* (1914/2010) é um estudo em que Freud faz a elaboração do Eu, organização psíquica que pode ser correlativa à constituição corporal; e, mais ainda, essa unidade que pode ser construída pelo sujeito a partir de uma imagem que ele tem de si mesmo seguindo o modelo do outro. Essa atração por si mesmo, definimos como Narcisismo e chamaremos de Narcisismo primário (Laplanche; Pontalis, 2001). O processo da formação do Eu por identificação com o outro é denominado por Freud de Narcisismo secundário. É a partir dessa informação que Freud elabora o antecedente do Supereu, o conceito de Ideal do Eu.

O Narcisismo é, para Freud (1914/2010), a narrativa do processo de construção do Eu. Uma instância como o Eu não está presente desde o início. Ela deve constituir-se para o sujeito. Nos *“Três Ensaios”* (1905/2010), Freud desenvolve uma série de concepções sobre a sexualidade infantil e também elabora conceitos que são fundamentais para a construção da análise psicanalítica: conceitos como pulsão, complexo de castração, inveja do pênis e a noção de estágio, que são as fases: oral, anal e fálica. A intenção é mostrar, por meio de cada fase, o autoerotismo e que as crianças são seres de gozo (Roudinesco; Plon, 1998).

É importante destacar essas fases da criança e todo o processo que a acompanham, como o autoerotismo. Pois é a partir desse conceito que Freud começa a estabelecer a noção de Narcisismo e seguidamente o Narcisismo primário e o secundário. Esse processo de autoerotismo da criança define que o corpo ainda não é psiquicamente reconhecido como uma unidade; somente como partes e sensações, pois há delimitações ainda em construção que fazem que o aparelho psíquico faça diferença entre o Eu e o outro (Freud, 1905/2010).

Vista a importância do investimento libidinal, desde criança, o Narcisismo marca uma relevante fase nesse aspecto. O Narcisismo primário é, para Freud (1914/2010), o primeiro Narcisismo, o da criança, o qual toma a si mesma como objeto de amor, antes mesmo de definir objetos exteriores, firmando o seu Eu ideal. Ao recorrer à ideia do Narcisismo libidinal do Eu, esse estudo nos leva à definição estrutural do Narcisismo (Laplanche; Pontalis, 2001).

Para K. Abraham, a demência precoce, e toda a sua característica psicosexual, é o retorno do paciente ao autoerotismo (Laplanche; Pontalis, 2001). Freud utiliza essa concepção para explicar o Narcisismo primário. Na visão dele, a energia libidinal da esquizofrenia e da demência precoce (Kraepelin) não está voltada a objetos externos e manifestariam duas características: “a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas)” (Freud, 1914/2010, p.10). Surge, então, a pergunta: para onde iria essa energia se não fosse dirigida para objetos do mundo externo? A resposta é que essa energia afastada do mundo externo é dirigida para o Eu, podendo determinar um caminho para a Psicose.

Aparece, também, a questão freudiana sobre a impossibilidade de análise desses sujeitos (psicóticos). Veremos adiante o processo do Narcisismo secundário, que surge além do próprio Eu, o Ideal do Eu, que permite investimentos libidinais em objetos externos, determinados por identificação parental. Em trabalhos futuros, quando Freud estuda análises psicanalíticas, ele nos mostrará que é necessário, para uma análise ser bem-sucedida, ter uma transferência, podendo esta ser de amor ou de ódio. Mas no caso dos sujeitos psicóticos, em que não há esses investimentos em objetos externos, a análise não seria viável, pois sua energia libidinal seria voltada para seu próprio Eu. Desse modo, Freud propõe uma nova divisão diagnóstica: neuroses de transferência (neurose obsessiva e histeria) e neuroses narcísicas (paranoia, esquizofrenia e melancolia). Sendo a transferência a mola a partir da qual o tratamento psicanalítico opera, Freud não aposta na possibilidade de tratamento analítico na psicose.

O Narcisismo secundário revela o caminho para chegar ao Ideal do Eu e para diferenciá-lo do Eu. Assim, é fundamental o Eu ser desenvolvido. As pulsões autoeróticas existem desde o princípio. Ao serem adicionados objetos para

direcionarem investimentos libidinais, surgirão novas ações ao psiquismo concretizando o Narcisismo (Freud, 1914/2010).

Ao estudar a vida erótica, Freud (1914/2010) chega à conclusão de que, para a criança, as escolhas objetais partiriam de suas experiências de satisfação e suas funções vitais sexuais autoeróticas serviriam de autopreservação e cuidado. Nesse âmbito, ela começaria a desenvolver não um ideal, mas propriamente uma identificação primária com o outro, que, neste caso, é a mãe ou o cuidador. Nesse caminho, surge o complexo de castração: é quando o sujeito entra em conflito e busca algumas saídas, como o recalque. Ao entrar no mundo exterior onde colocará em prática suas escolhas, experiências e desejos, o sujeito verá que nem sempre terá aprovação do outro; ao contrário, tais desejos serão rejeitados.

Frustrada com a castração, a criança não renuncia a toda experiência provinda de sua infância. Ela vê que não pode ter de volta toda experiência prazerosa e, então, começa a se deparar com a angústia. Por isso, busca alguma forma de recuperar todo o prazer vivido em sua infância, procurando-o como forma de um Ideal do Eu. Todo esse ideal do Eu agora é dirigido ao amor de si mesma, projetado diante de si como ideal, que é o substituto para o narcisismo perdido da infância, o qual era seu próprio ideal (Freud, 1914/2010).

O Ideal do Eu se refere a escolhas narcísicas experimentadas na infância de um amor primordial. Esse amor não poderá acompanhá-la em seu amadurecimento por causa da castração. Sendo assim, ela cria para si substitutos, a fim de que possa dar conta da angústia da castração (Freud, 1914/2010).

Freud (1914/2010) começa a estabelecer fundamentos para o conceito de Ideal do Eu e afirma que este tem como objetivo observar o Eu, fazendo isso como um ideal e começando a identificá-lo como uma consciência moral. O texto mostra a construção do Eu, que consiste em um distanciamento do Narcisismo primário. Logo, o sujeito faz enorme esforço para reconquistá-lo. Isso é recorrente do distanciamento que ocorre mediante o deslocamento da libido para um ideal vindo de fora (Laplanche; Pontalis 2001). Suas escolhas narcísicas não de se repetir ao longo da vida, tendo impasses nesse caminho.

Gerez-Albertín (2009) realça que o Ideal do Eu terá uma via em que se instituirá como uma instância de exigência moral. Tudo se complica a partir do momento em que essa instância começa a autorizar medidas para preservar o Eu. De um lado, preserva; de outro, torna-se severamente crítico; “abandona o papel de anjo da guarda para se converter em assoladoramente demoníaco, deixa de velar pela satisfação narcísica e se transformar em tenaz inimigo da segurança euóica” (p. 59).

Freud volta a refletir sobre o estudo deste ensaio (Introdução ao Narcisismo), de 1914, no texto “*Psicologia das massas e análise do Eu*”(1920- 1923/2011), quando propõe discorrer sobre a identificação e diferenciar claramente o Eu e o ideal do Eu. Gerez-Albertín (2009) ressalta que na Psicologia das massas existe uma variável que deve ser considerada: um líder perfeito com quem todos devem compartilhar uma comunidade de identificações e de quem tudo se espera. O líder é tratado como um Amo absoluto ao qual a comunidade ficará à mercê para demais sacrifícios que exaltam mais “aniquilação que amor”. Isso marca o momento em que Freud dá indícios de um lugar para o pai na construção de sua nova instância.

O Ideal do Eu irá se mostrar como uma consciência moral, porém dependerá da consciência moral dos pais, que partirá das influências críticas dos pais, “agenciada pelas vozes”, que, no decorrer do tempo, agrega outros (educadores, mestres etc.) (Gerez- Albertín, 2009). O Ideal do Eu se constitui “A partir da influência crítica das vozes da consciência moral dos pais que sitiam o sujeito por dentro” (Gerez-Albertín, 2009, p. 60). Esta discussão nos leva a ir ao princípio, ao mito do pai morto, à lei simbólica que é estabelecida pelo acordo da civilização, descrita por Freud em “Totem e Tabu” (1920).

O complexo de Édipo trata do caminho de uma organização psíquica do sujeito, que, no término de suas funções, fica em seu lugar o Supereu. Freud baseia-se no mito da tragédia de Édipo Rei, de Sófocles, mas sua obra não corresponde, necessariamente, ao mito grego. Toda essência é que o complexo de Édipo refere-se à forma mítica da origem da lei. Essa lei é estabelecida mediante o que Freud nomeou como lei da interdição do incesto. Todo gozo que gira ao redor do sujeito figurado pelo incesto mãe e filho não é permitido pela entrada da instância paterna, representada pelo pai simbólico (Correa; Silva, 2015).

Com a elaboração do Complexo de Édipo Freud (1924/2011) anuncia o propósito de sua instância – o Supereu – afirmando que a autoridade do pai é internalizada no Eu, formando o núcleo do Supereu. Nesse caso, está apenas sendo formado, o qual assume a severidade do pai, que proíbe o incesto.

A ALTERIDADE DA NEUROSE E DA PSICOSE A PARTIR DAS INSTÂNCIAS DA SEGUNDA TÓPICA

Freud (1920/2011) começa a estabelecer um conjunto de novas ações psíquicas, pois as instâncias da primeira tópica ficaram insuficientes na prática analítica. A primeira tópica era constituída pelo inconsciente, pré-consciente e consciente. Apesar de Freud em 1923 ter postulado a segunda tópica, as instâncias da primeira tópica continuam a existir, especificamente, fazendo parte de todas as instâncias da segunda. A segunda tópica é composta pelas instâncias Eu, Isso e Supereu. Freud apresenta-as em seu trabalho de 1923 e em sua conferência (1932).

Quando há a dissolução do complexo de Édipo, o que ficará na organização psíquica é uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe. No caso da identificação com o pai, será mantido o objeto materno do complexo positivo, que ocorre ao mesmo tempo substituindo o objeto paterno do complexo contrário. Sendo assim, as coisas se assemelharão com a identificação com mãe. Ao fazer esta análise, é possível supormos que o resultado da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado do Eu. Essa alteração do Eu, que faz que essas identificações se ajustem uma a outra, conserva sua posição especial, surgindo um conteúdo restante do Ideal do Eu ou do Supereu (Freud, 1923/2011).

O papel que desempenha o Supereu é o poder externo da autoridade dos pais. Pode haver influências dos pais com ameaças de castigos e também concedendo provas de amor. Quando a coerção é externa, é internalizada, e o Supereu adquire o lugar da instância parental, que observa, dirige e ameaça o Eu exatamente da mesma forma como faziam os pais. Fica, então, em seu lugar, sendo seu herdeiro. Ao olhar a maneira como age o Supereu, parece ter herdado apenas a severidade e a rigidez dos pais, com toda sua função punitiva e severa, pois, quanto aos cuidados, não parecem ter sido assimilados (Freud, 1932/2011).

No texto de 1924, “Neurose e Psicose”, Freud faz a análise da diferença básica entre a neurose e a psicose. Freud apresentou sua segunda tópica e, no início da obra de 1924, realça a importância das instâncias psíquicas para compreensão das formulações entre neurose e psicose.

Acentua a posição do Eu que fica como intermediário entre o mundo externo e o Isso e o esforço que faz para obedecer a seus senhores a todo o momento. Assim, Freud consegue fazer a distinção ao que concernem as singularidades da neurose e da psicose: “[...] a neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e seu Isso, enquanto a psicose seria o análogo desfecho de tal perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior” (Freud, 1924/2011, p. 159).

Ao explicitar as neuroses transferenciais, Freud descreve seu funcionamento psíquico, que se ao recuar o Eu e tolerar os impulsos pulsionais do Isso ou auxiliá-lo a encontrar vias para escoar-se, ou o Eu proíbe, nega aqueles impulsos que visam ao objeto. O Eu irá se defender contra o impulso pulsional do mecanismo de recalque. O material que fica recalado inicia uma luta contra esse destino. Cria para si, ao longo de sua jornada, vias que o Eu não terá poder, uma representação que possa substituir; ou seja, o sintoma, nos indica que o Eu está seguindo as ordens do Supereu (Freud, 1924/2011).

Na psicose, Freud (1924/2011) aponta a relação para um distúrbio entre o Eu e o mundo externo, em que o eu, a serviço do Isso, repudia a realidade, reconstruindo-a no delírio. Freud cita a “amênciã” de Meynert, um tipo de confusão alucinatória aguda, em que o mundo exterior não é percebido de forma alguma ou sua percepção não faz efeito. Na amênciã, não é só expulso o acolhimento de novas percepções, também é retirado o investimento que ocorre no mundo interior que representava o mundo exterior, como uma cópia, de forma que a própria relação entre interior e exterior fica abalada na psicose. O Eu passa a criar um novo mundo interior e um mundo exterior. Podem ocorrer dois fatos: “de que esse novo mundo é edificado conforme os impulsos de desejo do Isso, e de que o motivo dessa ruptura com o mundo exterior é uma difícil, aparentemente intolerável, frustração do desejo por parte da realidade” (Freud, 1924/2011, p.161).

Em outros tipos de psicose, como na esquizofrenia, existe a perda de toda participação do mundo externo. Nos delírios, Freud mostra que pode ser uma manifestação feita como um “remendo” que fica no lugar onde, originalmente, uma fenda surgiu no enlace do Eu com o mundo externo. A origem que explicaria o que desencadearia uma psicose pode ser considerada a frustração, ou seja, a não realização de um dos desejos da infância que são introduzidos em nossa organização filogenética determinada. Tal frustração pode ser externa, mas individualmente pode proceder internamente, no Supereu, que assume a representação das exigências da realidade (Freud, 1924/2011). Isto é, Freud nos indica aqui que há alguma dificuldade na constituição do Supereu na psicose.

O efeito patógeno depende de que o Eu, nessa tensão conflituosa, continue fiel à sua dependência do mundo externo e procure amordaçar o Isso ou se deixe sobrepujar pelo Isso e separar da realidade. Esta situação aparentemente simples, porém, é complicada pela existência do Supereu, que, por um nexos ainda não esclarecido, reúne influências que vêm tanto do Isso como do mundo externo, sendo como que um modelo ideal daquilo visado por todo o esforço do Eu, a conciliação de suas múltiplas dependências. O comportamento do Supereu deve ser levado em consideração, o que não se fez até agora, em todas as formas de doença psíquica (Freud, 1924/2011, p. 162).

Ao questionar o estatuto do Supereu e sobre as doenças que podem ser evocadas pelo conflito do Eu e do Supereu, Freud (1924/2011) exemplifica esse suposto com a melancolia, que a classificou como “neuroses narcísicas”. Freud não fez separação entre a melancolia e a psicose. Porém, os conflitos das instâncias psíquicas são divergentes. “A neurose de transferência corresponde ao conflito entre Eu e Id, a neurose narcísica ao conflito entre Eu e Supereu, a psicose àquele entre Eu e mundo exterior” (p. 162).

Para Freud (1924/2011) na neurose, a fuga é representada pela quantidade de realidade que foi evitada; por outro lado, na psicose, a realidade é “remodelada”. Na psicose, a fuga originária é contínua de uma fase ativa de “remodelação”; e, na neurose, ser obediente inicialmente pode ser uma tentativa de fuga. Por assim dizer, a neurose não nega a realidade. Só não quer saber dela. A psicose nega e busca substituí-la. Na psicose, a constituição da realidade acontece nos “precipitados psíquicos”; nas relações que são entrelaçadas com ela, ocorrem nos traços mnemônicos, “[...] ideias e juízos que dela foram adquiridos até então, e pelos quais ela era representada na vida psíquica [...]” (p. 197).

A psicose terá uma árdua tarefa: terá que obter “percepções” que possam se ajustar à nova realidade. Esse caminho é feito pela maneira mais “radical”, pois é pela via da alucinação. Nas várias formas de psicose, os lapsos de memória, delírios e alucinações indicam um caráter bastante abusivo e se ligam a um desenvolvimento carregado de angústia, que nos mostra que esse processo, essa transformação, é realizado contra “violentas forças opositoras” (Freud, 1924/2011, p. 197).

A psicose utilizará como saída o delírio e a alucinação. Na neurose, também existem tentativas de substituir a realidade indesejada conforme apontam os desejos, pela via da fantasia. Nesse contexto que foi separado do “mundo externo real quando da introdução do princípio da realidade”, então é mantido longe das exigências da vida, “à maneira de uma reserva”. Por mais que não seja acessível ao Eu, é ligado frouxamente a ele. É a partir das fantasias que a neurose cria material para as novas construções de seus desejos.

LACAN E A FORACLUSÃO NA PSICOSE

Com Lacan, iremos pensar como fator principal para uma estruturação psicótica a não captação da castração materna, como consequência a ausência da anterioridade paterna, que Lacan chamou de “exclusão de um significante⁴ primordial”. Lacan introduz o termo foraclusão, para traduzir o termo alemão utilizado por Freud: *Verwerfung*, mas acaba por criar um novo conceito, mesmo que herdeiro da tradição freudiana (Farias, 2010). O termo foraclusão foi utilizado por Lacan em 1956 no Seminário 3 “As psicoses” na última sessão de sua obra (Roudinesco; Plon, 1998).

Freud analisou o caso do Homem dos Lobos, publicado em 1918, no qual a atitude de rejeição (ou *Verwerfung*) de seu paciente tratava da gênese do reconhecimento e do desconhecimento da castração. Quando Lacan comentou esse texto em seu diálogo com Jean Hyppolite, ele forneceu como correspondente francês de

⁴ Lacan definiu “como um conceito central em seu sistema de pensamento. Elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica” (Roudinesco; Plon, 1998)

Verwerfung palavra *retranchement* (supressão, eliminação). Por fim, depois de comentar longamente a paranoia de Schreber e inventar o conceito de Nome-do-Pai, Lacan propôs traduzir *Verwerfung* por forclusão (Roudinesco; Plon, 1998).

Foi fundamental a elaboração de alguns conceitos ainda não totalmente concluídos, mas citados nesse Seminário, como as noções de real, imaginário e simbólico. A diferença entre ambos é que, na ordem imaginária ou real, temos sempre, mais ou menos, um limiar, uma margem, uma continuidade. Na ordem simbólica, todo elemento vale como oposto a outro (Lacan, 1955-1956/2008). O conceito de real aqui utilizado por Lacan é o real como realidade. Porém, posteriormente em sua obra, Lacan apresentará o conceito de real que distingue desse, para “[...] designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 645).

Segundo Lacan (Lacan, 1955-1956/2008, p. 21): “É clássico dizer que, na psicose, o inconsciente está à superfície, é consciente. Por isso mesmo não parece que tenha grande efeito em ser articulado [...]”. O inconsciente é uma linguagem mesmo que não seja reconhecido. Ao se supor que alguém possa falar numa língua totalmente ignorada, diremos que o sujeito psicótico ignora a língua que fala. A questão não é saber porque o inconsciente está aí “articulado à flor da terra”, ainda que excluído para o sujeito, e sim porque aparece no real (Lacan, 1955-1956/2008)

Pode ocorrer de o sujeito não aceitar o acesso ao seu mundo simbólico, de algo que viveu, que é a ameaça da castração. No seu desenvolvimento, mostra que ele nada sabe dessa ocorrência. Freud diz que é “no sentido do recalado”. O que ocorre no recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalado acabam sendo a mesma coisa nesse sentido. O recalado sempre irá permanecer e aparece na forma de sintoma. Por outro lado, o que ocorre com a *Verwerfung* é totalmente divergente. “Sucedo, entretanto, além disso, que tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real” (Lacan, 1955-1956/2008, p. 22).

Convém destacarmos que não foi como caso Schreber que Lacan encontrou subsídios para ilustrar sua teoria de *Verwerfung*. Foi mediante o caso clínico

“Homem dos Lobos”⁵. Em destaque, a passagem em que, diante da castração, o Homem dos lobos não se prontifica ao fato de saber; ou melhor, dizendo, não a captou (Farias, 2010). Para Lacan (1955-1956/2008), o texto do “Homem dos lobos” mostra claramente as propriedades psicóticas constituídas. Ele rejeita a castração. O sujeito, quando foi colocado frente à diferença sexual, ignorou a existência da significação genital, conservando a universalidade do pênis como a antiga teoria sexual. Assim, o mecanismo da psicose é anterior a todo esse processo, o qual consiste na exclusão do recusado do campo de existência (Lacan, 1955-1956/2008). A cena que Lacan utilizou é a seguinte:

Brincando com sua faca, ele cortou o dedo, que só ficou preso mesmo por um pedacinho de pele. O sujeito conta esse episódio num estilo calcado no vivido. Parece que toda referência temporal tenha desaparecido. Ele sentou-se em seguida num banco, ao lado de sua ama, que é justamente a confidente de suas primeiras experiências, e não teve a coragem de falar com ela sobre isso. Quão significativa esta suspensão de toda a possibilidade de falar – e precisamente com a pessoa a quem ele falava tudo, e especialmente de coisas dessa ordem (Lacan, 1955-1956/2008, p.22).

Esse texto foi explicado por Lacan como o que é “recusado na ordem simbólica que ressurge no real”. Pela forclusão, o sujeito recusa o acesso ao mundo simbólico de algo já experimentado como ameaça da castração, a ausência no registro simbólico, de uma falta da afirmação primordial que se firmará pela alucinação. Então, a castração não existe para o sujeito, uma vez que não houve captação da diferença genital mediante o corpo da mulher (Farias, 2010).

No psicótico, os fenômenos elementares, particularmente a alucinação é sua maior característica. Isso nos indica que esse sujeito está completamente identificado com seu Eu, do qual ele fala. Ele fala dele, o sujeito, o S, nos dois sentidos propriamente ditos. O que realmente apresenta a alucinação verbal, a partir do momento que ela aparece no real, acompanhada de sentimentos da realidade, que “é a característica fundamental do fenômeno elementar, o sujeito fala literalmente

⁵ O caso do “Homem dos lobos” não será descrito no trabalho. Será somente citada uma passagem na parte em que Lacan irá explicar seu conceito (Freud, 1914-1918).

com seu Eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva e falasse e comentasse sua atividade” (Lacan, 1955-1956/2008,p. 24).

Ao se referir ao caso Schreber e à realidade do psicótico, Lacan (1955-1956/2008) afirma que a questão não é a realidade, e sim a certeza. “Contrariamente ao sujeito normal, para quem a realidade lhe chega de bandeja, ele (o psicótico) tem uma certeza, que é a de que aquilo de que se trata da alucinação à interpretação – isso lhe concerne” (p. 93).

Mesmo quando é falado por ele no sentido que não é da ordem da realidade, não alcança sua certeza, que lhe concerne, “pois a certeza é radical” (Lacan, 1955-1956/2008). O psicótico pode achar que a realidade em que está pode ser diferente da dos outros, porém isso não abala sua certeza. Existe uma ambiguidade e uma contradição em suas crenças, porém não servem para abalá-las (Bulhões, 2009).

Encontramos, então, o que chamamos, com razão ou sem, o fenômeno elementar, o fenômeno constituído, o delírio (Lacan, 1955-1956/2008). Aquilo que não foi captado irrompe na consciência sob a forma de algo visível. Como forma desconhecida, uma significação impõe-se ao sujeito, no real, como absoluta exterioridade. No lugar em que ocorre a forclusão, o sujeito se perde. Assim, existem duas consequências no campo clínico da psicose. Primeiro, com o retorno da exterioridade, indica que na psicose não há centralização do saber “no sujeito”, “no pai” e nem “no mundo”. Em segundo lugar, por causa da não centralização do saber, o psicótico opera com certeza absoluta que é dada pela alucinação (Farias, 2010). Como existe esse fato da certeza, o psicótico se encontra na dimensão de uma totalidade, pois ele não se estrutura pela dimensão da falta, e fica na condição de ser o objeto materno alucinado a ser o falo, sendo o falo alucinado é o que completa a falta da mãe (Farias, 2010).

Para Lacan, o sujeito não existe sozinho, ele sempre está referido a um Outro que pode ser representado pela mãe ou por substitutos. Esta, porém, não é esse Outro, apenas o encarna. Quando a criança nasce, fica assujeitada aos significantes do Outro, ponto crucial para a constituição do sujeito. É necessário que a criança se aliene aos significantes do Outro, encarnado pela mãe, que presentifica a “língua materna”. Para que mais tarde se separe, é preciso destituí-la desse lugar tão

poderoso. Somente a partir dessa separação, a criança poderá se tornar um sujeito. Nesse processo de alienação e separação, é a Lei do Pai que virá nesse caminho para quebrar esse laço, evitando que a mãe faça da criança o centro de sua vida, e também permitirá à criança sair desse lugar na posição de objeto de fantasia materna (Costa, 2010).

Costa (2010) pontua que o Nome-do-Pai é o que Lacan chama o complexo de Édipo, que tem duas funções importantes: transmitir a interdição do incesto e a nomeação do filho. “O gozo a que o sujeito aspira, o gozo desejado, figura-se pelo incesto mãe-filho, não é permitido em razão da intenção da instância paterna, representado pelo pai simbólico” (p. 54). A presença no inconsciente do Nome-do-Pai intervém no Édipo e coloca a criança na norma fálica.

Lacan, no Seminário 5 “As formações do inconsciente” (1957-1958/1998), aponta que há um déficit. A falta que funda a significação não é explicada pela personalidade, e sim como posto à autoridade da lei. Define a lei o que se articula como nível do significante, o texto da lei. Quem permite esse texto da lei está no nível do significante, o que Lacan chamou de Nome-do-Pai; ou seja, o pai simbólico. O Nome-do-Pai é expresso pelo pensamento do mito do Édipo. Para haver a internalização da lei, sob a forma mítica da lei, para ser fundada pelo pai, é preciso haver o assassinato do pai. O pai como aquele que instaura a lei é o pai morto; isto é, o símbolo do pai. O Pai morto é o Nome-do-Pai.

A possibilidade metafórica da função paterna só será efetiva se o sujeito fizer uso do significante Nome-do-Pai. Para estabelecer o Nome-do-Pai como conceito, Lacan (1957-1958/1998) nos fala sobre a ênfase dada à linguagem e à fala, de modo a observar a importância do significante na economia do desejo e na formação do significado. O Édipo é constituinte dos seres dotados de fala: algo que concerne ao Outro. Lacan nos chama atenção para um terceiro elemento que já está embutido na relação mãe e filho. O mito expresso em “Totem e Tabu” (1913/2012) por Freud nos permite estabelecer a origem da Lei, responsável pela gênese da cultura e pela formação das sociedades. Para ter uma lei, é necessário que o pai primevo, que goza de todas as mulheres e regula a agressividade, bem como todas as satisfações dos filhos e dos outros, esteja morto, de modo que, para os filhos, seu estatuto adquira a forma mítica.

O pai morto é aquele que promulga a lei. É o símbolo do pai que se representa pelo Nome-do-Pai (Lacan, 1957-1958/1998). Por medo de ter o mesmo destino do pai assassinado, cada membro do clã respeitará os tabus determinados pelo totemismo através da simbolização da lei instituída. Uma vez legitimada a lei simbólica, o Nome-do-Pai irá determinar pontos fixos onde significantes e significado possam se encontrar. Assim, produz um sentido recalcado em relação ao qual cada significante possa se articular com o Outro (Ribeiro, 2006).

O psicótico, por não instituir simbolicamente o Nome-do-Pai, realizará outra articulação entre significante e significado, diversa da metáfora paterna. Contudo, ele não é indiferente ao pai, senão todo sujeito psicótico atuaria por impulsos primitivos e proibidos. Mas existe uma defesa radical diante da lei, a da censura. O sujeito fica tão impactado diante da ameaça de castração que exclui qualquer possibilidade de internalizá-la simbolicamente, o que fica sujeito a consequências drásticas, que terá que trabalhar com elas (Ribeiro, 2006).

O que foi negado no simbólico retorna no real como forma de “automatismo psíquico”, onde se expressa da forma mais evidente de alucinação. “Como o retorno é no real, o que retorna surge como se fosse algo que inclui fora do simbólico” (Ribeiro, 2006, p. 45) O que retorna aponta para uma exterioridade do sujeito em relação ao simbólico. Desse modo, manifesta as vozes alucinadas e os pensamentos sonorizados (Farias, 2010). “Na psicose ocorre a foraclusão do Nome-do-Pai, no lugar do Outro e o fracasso da metáfora paterna” (Costa, 2010, p. 68). Assim, não há inscrição no discurso da mãe, pois é excluído o significante da Lei paterna. É dessa forma que o delírio surge para tapar a falta desse significante. Como dizia Freud, o delírio é uma tentativa de cura, e não uma psicose (Costa, 2010).

Ao se posicionar frente ao Supereu, Lacan (1957-1958/1998) questiona esse lugar severo que vigia a todo o momento para punir, impondo sofrimentos deprimentes. Ele afirma que o Supereu não é uma pessoa, mas “funciona no interior do sujeito tal como o sujeito se comporta em relação ao outro” (p. 302). É no interior da subjetividade que temos a ideia do Ideal do Eu. Essa função não se confunde com a do Supereu. Elas podem ter sido formadas praticamente juntas. Por essa razão, têm significados diferentes. Podem se confundir, porém o Ideal do Eu

desempenha funções ligadas ao desejo do sujeito. Parece estar ligado às presunções do tipo sexual, envolvido numa economia social. Assim, Gerez-Albertín (2009) conclui que o Supereu em Lacan é composto como “correlato da castração”, derivado da metáfora paterna. A oposição está entre “Desejo-Lei e Gozo”. O Supereu, articulado ao gozo, e não ao desejo, é uma invocação à não castração: “força demoníaca que empurra a dizer algo [...]” (p.302), a força da presença do objeto aseimpondo na frase.

CHE VUOI? O SUPEREU COMO VOZ QUE RETORNA NA PSICOSE?

Gerez-Albertín (2009) nos mostra que, apesar de Lacan ter afirmado no Seminário 18 não ter trabalhado o Supereu, foi em 1971 que o aproximou do objeto *a*, como voz, e sua delimitação conceitual ao formulá-lo como “imperativo impossível do gozo”. O caso “*Aimmée*” levou Lacan a questionar os mecanismos punitivos, que promovem a paranoia às condenações obtidas das consequências do atentado do Supereu. O Supereu pensado como formas de objeto *a* ultrapassa a teoria freudiana, bem como o Supereu como correlato da castração impele o gozo. “Itinerário lacaniano que vai do registro imaginário-simbólico ao real como objeto causa de desejo e gozo” (p. 219).

O conceito de objeto (pequeno) afoi sendo construído e moldado no decorrer da obra de Lacan. Em 1967, com o conceito de real já findado, junto à trilogia do simbólico, Lacan transforma o pequeno *a* (“esse nada que falta ali onde é esperado”) em um resto que não é possível simbolizar, identificando assim, o objeto do desejo com o gozo puro, com aquilo que não se prega no simbólico e do significante para “cair”, mesmo que este vá ressurgir no real sob forma alucinatória (Roudinesco; Plon, 1998).

No campo do gozo, o Supereu é o objeto *a*, indicado por Freud como o causador do mal-estar na cultura. Na civilização, o Supereu é a voz que retorna e critica o olhar que espreita; “um mais-de-voz e um mais-de-olhar” (Quinet, 2009, p.28). Essa comparação do objeto *a* com o Supereu na obra lacaniana precisa ser pesquisada mais detalhadamente, pois precisam ser percorridas várias obras, em especial o Seminário, livro 10, A angústia. No entanto, consideramos suficiente, no escopo deste estudo, definir genericamente o objeto *a* e explorar sua relação com o

Supereu na psicose. O Supereu no psicótico será pensado nesta ocasião nas vozes do real.

Freud desenvolve o Supereu precisamente para a neurose, mas não é motivo para não pensar o Supereu nas outras estruturas, pois na sua clínica instigava a incidência do Supereu na melancolia e na paranoia. Nos estudos freudianos, é vista uma constatação de manifestos vindos do Supereu, particularmente a culpa, que nos leva a pensar uma clínica diferencial para neurose-psicose (Gerez-Albertín, 2009).

O Supereu pode ter um alto grau de autonomia. Freud ainda afirma que pode agir sendo severo e cruel em relação ao Eu, exemplificando com o estado melancólico, no qual o Supereu se torna supersevero e insulta, humilha e maltrata o Eu. Age de uma forma impulsiva, como se tivesse acumulando acusações, a fim de proceder com um julgamento condenatório. Assim, aplica ao Eu o mais rígido padrão moral e apresenta a ele todas as exigências morais como o Eu fica à mercê de toda sua crueldade. Para Freud, o sentimento moral de culpa é a expressão de tensão entre o Eu e o Supereu (Costa; Horizonte, 2008).

Podemos imaginar uma sessão de julgamento em que o Eu é o jurisdicionado e o Supereu, a lei. O Supereu funcionará como juiz que examina a conduta do Eu em relação ao comando imposto pela norma do Supereu (Correa; Silva, 2015). Seguindo essa linha de raciocínio, podemos, também, concluir que a severidade do Supereu pode alcançar a tirania ligada ao fato da introjeção dos imperativos morais imposto ao sujeito. Quanto mais o sujeito fica preso a essas normas, mais implacável é o seu Supereu ao julgar seu réu, o Eu (Correa; Silva, 2015).

O Supereu não é simplesmente resíduo das primeiras escolhas objetais do Isso e conserva o caráter do pai. Quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente, com influência de autoridade, ensino religioso, escola etc., ocorre seu recalque. Então, o Supereu será mais severo e terá domínio sobre o Eu, como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa (Freud, 1923/2011).

A delimitação de Lacan fica exposta ao conceituar o Supereu como uma das formas do objeto *a* e como correlato da castração que impele o gozo, permitindo

colocar neurose-psicose em clínicas diferenciais, tendo como fator principal a questão do Nome-do-Pai. Ao analisar as vozes a partir de casos clínicos foi possível a Lacan identificar os lugares que cada uma ocupa nas estruturas. Por isso, é preciso colocar um hífen ao pensar nas “pseudovozes” do Supereu dos neuróticos e das vozes das alucinações psicóticas que retornam a partir do real⁶. Ou, ainda melhor, encontrar referências que nos apoiem para conseguirmos diferenciar o imperativo de gozo do Supereu na neurose daquele da psicose, que podem ser manifestadas de maneiras silenciosas (Gerez-Albertín, 2009).

Ao analisarmos a clínica do sujeito, “do desejo do sujeito diante do desejo do Outro ou do gozo do Outro”(Gerez-Albertín, 2009, p. 234), pensamos na clínica da divisão do sujeito. Diante da clínica da neurose, esbarramos com o “que queres”? Por outro lado, temos na psicose uma afirmação: “o outro conspira contra mim, me gozando” (Gerez- Albertín, 2009, p. 234). Assim, a divisão lacaniana pode ser sustentada nas estruturas freudianas: o recalque para o neurótico e a foraclusão para o psicótico. Dessa maneira, podemos questionar o gozo na clínica, a saber que não são todos da ordem do Supereu, e ter um suporte para expor a diferenciar a neurose, que fica do lado do eixo do “Desejo-Metáfora Paterna” e das psicoses, apoiando na foraclusão do Nome-do-Pai. Miller (1999, p. 54) acrescenta: “o que está forcluído no simbólico retorna no real, o que está forcluído no simbólico como Nome-do-pai retorna no real como gozo do Outro”. O Supereu na psicose pode ser pensado na problemática de gozo que está na foraclusão com a Metáfora Paterna. No seminário 5, Lacan já propõe citar o Supereu na psicose e na neurose, como o imperativo do Supereu que crava na subjetividade sem que haja a intermediação da metáfora a Paterna, por meio da intrusão do órgão da linguagem. Assim como o psicótico não terá as vias pela Metáfora Paterna, fica exposto ao imperativo que recebe, passivamente, como um amontoado de palavras que o invadem com vozes parasitas.

⁶ O significado do Real aqui é de “[...] designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (Roudinesco; Plon, 1998, p.645).

Gerez-Albertín (2009) nos conduz que é dessa maneira intrometida que Lacan destaca a diferença entre o “mandato do supereu”, sem que haja uma mediação do Outro, além do Outro, “da invocação como demanda que faz passar pelo outro a fé e a credibilidade” (Gerez-Albertín, 2009, p. 236). Enquanto o neurótico reverte o mandato de invasão pelo Outro, o psicótico, por causa da forclusão do Nome-do-Pai, não consegue romper essa metamorfose.

Gerez-Albertín (2009, p. 236) esclarece a relação entre neurótico e psicótico:

O imperativo do supereu atravessa o fantasma na neurose, quebra suas fronteiras, arrebatando o sujeito e eclipsa a subjetividade com o risco da passagem ao ato e da subjetivação; o psicótico, pelo contrário, cujo fantasma carece de fronteiras, fica absolutamente suspenso e dividido pelo zumbido do discurso ou do desejo de enunciados.

Ao vincular a instância de Metáfora Paterna ao “*automatismo mental de Clerambaut*”, Lacan destaca as explícitas frases ou palavras que soam sem compreensão e soltas, consequência da linguagem, que “fala por si só”. Além de elementos típicos, como atos e gestos, que tem o psicótico. O significado desses elementos pode indicar a impossibilidade frente à falha de significação a partir do Outro. Lacan pontua: o importante não é saber se uma palavra foi ouvida, e sim fazer distinção entre o que busca a “certeza” e o que busca a “verdade-realidade” (Gerez-Albertín, 2009).

Ou seja, se um sujeito ouve vozes, não é razão para colocá-lo em uma estrutura neurótica ou psicótica, e sim o indício para a distinção de sua posição e o estatuto que é dado para essas vozes. Para o psicótico, é o momento quando tem certeza de estar sendo comandado e está vivendo pelo eco de pensamentos que são apresentados por outros. O neurótico consegue, apesar de murmúrios, reconhecer que eles são frutos de pensamentos. Por isso, Lacan diz que o que foi forcluído do simbólico ressurge no real sem quaisquer máscaras (Gerez-Albertín, 2009).

Isto não só implica que o forcluído no simbólico retorne no real, mas sim que o retorno, neste caso, das vozes e dos mandamentos do supereu, ao colocar o sujeito à sua mercê, aderiram a um grau de certeza indiscutível, pois não há disfarce que possibilite sua tramitação (Gerez-Albertín, 2009, p. 237).

Na psicose, o sujeito fica preso ao mandato do Supereu, do gozo do Outro; na neurose, existe um escada que leva ao desejo. O sujeito escapa na demanda e se sobressai ao alto grau de ordens do intrusivo mandato.

Assim, podemos concluir que, na psicose, a intrusão do objeto na voz e no olhar nos permite pensar sobre a possibilidade da instalação de um significante elementar que não deixa nenhuma forma de articulação com a demanda. Visto que o psicótico não tem condições de combinar o gozo, que foi “desabonado” do inconsciente e fora do discurso, é preciso considerar o Supereu real “sob a forclusão da Metáfora Paterna” (Gerez-Albertín, 2009, p.237).

Resta-nos, ainda, pensar, nesse processo de um Supereu projetado como voz no real, como a culpa se revelaria nesses sujeitos.

Graças a Lacan, podemos ver que é possível, sim, o psicótico constituir o Supereu mesmo que de forma diferencial das outras estruturas. Então, podemos pensar que o Supereu pode ser formado mesmo não registrando o significante primordial que levaria ao caminho da internalização do Supereu, é possível analisarmos o psicótico em uma organização psíquica. Essa abolição é que permite o psicótico elaborar no real. Podemos concluir que aquilo que não foi internalizado reaparece como a voz do Outro, como a voz no real, que indica um lugar para o Supereu nessa organização psíquica. Essa voz assustadora pode levar a caminhos catastróficos se pensarmos nos crimes e no manifesto da culpa.

REFERÊNCIAS

- BULHÕES, M.A. *O fenômeno psicótico e o seu mecanismo*. Jornada do Instituto APOA, Psicanálise e intervenções sociais, Porto Alegre, n. 180, p.23-27, jun.2009.
- BURGARELLI, Sueli Rodrigues. *Impasses e dificuldades nas formulações freudianas inaugurais sobre a psicose: uma abordagem retroativa de Lacan a Freud*. 2007. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- CORREA, Claudete Justino; SILVA, Magali Milene. *Aproximações entre o conceito freudiano de Supereu e o conceito de Imperativo Categórico de Kant*. *Analytica: Revista de Psicanálise*, São João del-Rei, v. 4, n. 6, p. 53-88, jan./jun. 2015.
- COSTA, D. B.; HORIZONTE, B. *A crise do supereu e o caráter criminógeno da sociedade de consumo*. 2008. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- COSTA, Teresinha. *Édipo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.
- FARIAS F. R. *As Três Formas de Negação da Castração*. *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p.74-94, nov./dez. 2010.
- FREUD, Sigmund. *“Obras Completas: O eu e o id”, autobiografia e outros textos (1923-1924)*. In: FREUD, Sigmund. Edição obras completas. v. 16. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2010.
- _____. *A dissolução do complexo de Édipo*. In: FREUD, Sigmund. Edição Obras completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 1924. v. 16, p.186-192.
- _____. *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose (1924)*. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011. v.19, p.205-207.
- _____. *Algumas Consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925)*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011. v. 16. p.256-271.
- _____. *As Neuropsicoses de Defesa (1894)*. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.3, p.51-67.
- _____. *Cinco Lições de Psicanálise (1910)*. In: FREUD, Sigmund. Obras completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2010. v. 11, p. 166-218.
- _____. *Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica (1933)*. In: FREUD, S. Edição Obras Completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2012. v. 22, p. 63-84.

_____. *Fantasia Históricas e sua Relação com a Bissexualidade (1908)*. In: FREUD, Sigmund. Edição Obras Completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2010.v.19, p.147-149.

_____. *História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1914/1918)*.In: FREUD, Sigmund.Edição Obras completas.São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2010. v. 14, p. 10-119.

_____. *Introdução ao narcisismo: Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*.São Paulo: Schwarcz. Ltda./Companhia das Letras, 2010. v. 12.

_____. *Neurose e Psicose (1923)*. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*.São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011.v.19, p.167-169.

_____. *Novas conferências introdutórias à Psicanálise. Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações (1932)*. In: FREUD, Sigmund.Edição Obras Completas.São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011.v. 22, p. 135-154.

_____. *Obras Completas: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1913)*.In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*.São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2012. v. 7.

_____. *Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa (1896)*. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.v.3, p.159-174.

_____. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*.In: FREUD, S. Edição Obras Completas. São Paulo: Schwarcz Ltda./Companhia das Letras, 2011. v. 17, p. 75-137.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Schwarcz. Ltda./Companhia das Letras, 2010. v. 7, p. 119-218.

GALLINA, J.T. *Ficção e fixação: a amarração da Fantasia à repetição*. 2010. Dissertação(Mestrado em Psicologia – Psicanálise, Saúde e Sociedade)- Universidade Veiga de Almeida,Rio de Janeiro, 2010.

GEREZ-AMBERTÍN, Marta. *As vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2009.

JORGE, M. A.C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar 2002.V. 2 A clínica.

LACAN, J. (1932). *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*.Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. *O Seminário, livro 3: A Psicose (1955-1956)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008. (Coleção Campo Freudiano).

_____. *O Seminário, livro 5: As formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. (Coleção Campo Freudiano).

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. Santos: Martins. 2001.

MEZAN, Renato. *A trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

QUINET, Antônio. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

RIBEIRO, M.M.C. *O humor e o chiste na clínica das psicoses*, 2006. 151f. Dissertação (Especialização em Psicologia)-Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ROUDINESCO, E. PLON, M; *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, D. Q. D.; FOLBERG, M. N. De Freud a Lacan: as ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. *Estudos de psicanálise*, Belo Horizonte, n.31, p. 50-59, set./out. 2008.

A STUDY OF THE STATUS OF THE SUPERER IN PSYCHOSIS

ABSTRACT

The study sought to identify how the super-ego operates in psychosis. Even though Freud has abandoned its commitment to clinical psychosis, formulated the basis for considering the subject in psychosis. Freud introduced the super-ego as the heir of the Oedipus complex, structuring complex to the subject in neurosis, but that the subject would not release hand in psychosis, making - thus problematic construction of the super-ego in this structure. Lacan attributes the forclusion as an essential factor of psychosis operation in castration forclusion the primary signifier, the name of the Father, which allows the subject symbolic anchor and production of meanings. What was forclusion resurfaces in realhallucination. What was not internalized reappears in the real as the voice of the Other, the subject, making sure the voice that commands, try the super-ego in the real.

KEYWORDS: Superego. Psychosis. Psychoanalysis

UNE ÉTUDE SUR LA SURMOI STATUS EN PSYCHOSE

RÉSUMÉ

L'étude a cherché à déterminer comment le Surmoi fonctionne dans la psychose. Même si Freud a abandonné l'engagement à la psychose clinique, il a formulé la base pour réfléchir le sujet dans la psychose. Freud a introduit le Surmoi comme l'héritier du complexe d'Œdipe, un complexe structurant pour le sujet dans la névrose, mais que le sujet ne lancerait pas la main dans la psychose, devenant ainsi problématique la construction du Surmoi dans cette structure. Lacan attribue la forclusion comme un facteur essentiel du fonctionnement de la psychose dans la castration, fracturant le signifiant primaire, le Nom du Père, qui permet l'ancrage symbolique de l'objet et la production de significations. Ce qui a été forclos ressurgit en temps réel, hallucination. Ce qui n'a pas été internalisé réapparaît dans le réel comme la voix de l'Autre, le sujet, en vous assurant de la voix qui commande, essayant le surmoi dans le réel.

MOTS-CLÉS : Surmoi. Psychose. Psychanalyse.

Recebido em: 08-07-2016

Aprovado em: 17-19-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>